

HOMENAGEM | EUGÉNIA NETO

(Montalegre – 28 fevereiro 2019)

Numa iniciativa da Academia de Letras de Trás-os-Montes a que o Dr. António Chaves - desinteressado colaborador e leal conselheiro – e enquadrada no louvável propósito de promoção da cultura, do livro e da literatura, foi possível conjugar esforços e trazer à nossa terra a Dr^a Maria Eugénia Neto, mulher de lutas, de causas, de ideias, de afetos e de muita devoção aos valores nobres e excelsos que enriquecem o espírito e condição humana.

Daqui levou a tenacidade e carácter moldado nas fragas ou penedios de que me fez eco de exclamação e de espanto face à predominância do granito.

E foi preciso ser realmente muito forte e hábil para o percurso de vida que se lhe conhece e que ao lado do grande lutador Agostinho Neto criaram as bases e foram berço da grande nação que é Angola.

Para Angola, em força, foi o grito salazarento que mobilizou uns e outros e a todos meteu num conflito inútil, devastador de esperanças.

Uns, como o povo angolano e seus líderes que lutavam pelo país que tinham direito a administrar e construir.

Outros, como nós, povo amordaçado e abandonado à sua sorte, mergulhado na miséria e opressão, que lutava pelo posicionamento digno de Portugal no concerto das nações, particularmente na Europa de que hoje somos membros de pleno direito.

Em todas estas causas esteve a Dr^a Eugénia Neto. Por isso lhe estamos imensamente reconhecidos e gratos.

Da luta inglória em que uns e outros fomos envolvidos resultou que Angola conquistou a independência. Portugal conquistou a liberdade.

Somos assim filhos da mesma luta, filhos das mesmas causas, da mesma dor.

Uns e outros estivemos do lado dos que queriam libertar-se das amarras, da tirania e da opressão.

Em contextos diferentes é certo. Mas tantas vezes no mesmo palco.

E o palco de que falo são as lavras, as praias, os campos, as terras vermelhas do café e brancas de algodão que Agostinho Neto imortalizou em verso parido na solidão do Aljube e que em mensagem de esperança dizia HAVEMOS DE VOLTAR.

A ela voltou na companhia da leal e dedicada Senhora que hoje temos entre nós.

E, ironia do destino, quase me atrevo a dizer termos chegado quase ao mesmo tempo.

V^a Ex^a na missão nobre e difícil de ensinar a grande nação angolana a dar os primeiros passos; Eu, alferes miliciano, integrado na leva dos que só depois de lá estarem se dão conta do embuste ou logro em que nos meteram, para integrar o grupo dos que no dia 11 de Novembro de 1975 outorgaram nas mãos de Agostinho Neto as insígnias e chaves da independência e condução do vosso destino.

Fomos, assim, o anverso e o reverso da mesma moeda.

O vosso sofrimento foi também o nosso por nos vermos envolvidos numa guerra injusta que a tantos de nós desfez sonhos e a tantos tirou a vida.

CÂMARA MUNICIPAL DE MONTALEGRE

Donos dos nossos destinos nada mais resta que, no respeito pelas elites dirigentes e pelos modelos de governação escolhidos, dar as mãos e, em união, estabelecer pontes e concertar a cooperação em que a paz e o desenvolvimento se constrói.

Ora, é no fazer pontes e desenvolver cooperação que a presença de V^a Ex^a entre nós se justifica.

A mãe de Angola tem estatuto quanto baste para ser ouvida em todos os palcos da governação do grande país irmão africano. E tem, sobretudo, V^a Ex^a poder para através da Fundação que dirige e da inata propensão para, na condição de poetisa e respeitada escritora, ajudar a construir a grande pátria a que Fernando Pessoa se refere quando diz que a língua portuguesa é a pátria dos muitos milhões que em todos os continentes falam esta língua.

Montalegre, 28 de fevereiro de 2019

O Presidente da Câmara
Manuel Orlando Fernandes Alves